

# Ovos Solto

REDACÇÃO, RUA DOS OURIVES 35.



Os caricaturistas da semana foram as sociedades carnavalescas, o publico fomos nós. Pelo seu cansaço de tres dias avaliem do nosso: obrigados a dar-lhe, pelo menos, uma idéa cada semana.

## EXPEDIENTE

Recebemos e agradecemos os exemplares das seguintes publicações:

Relatorio apresentado á Assembléa Geral Legislativa na primeira sessão da 16ª legislatura, pelo ministro da agricultura Sr. Thomaz José Coelho de Almeida.

O PROCESSO FELIAS VILLAR.—Serie de artigos publicados nos jornaes da Bahia e transcriptos no *Globo* a proposito dos acontecimentos da Bahia em 2 de Julho de 1875.

A *Revista Illustrada* o n. 54, o *Figaro* n. 59, a *Leitura do Domingo* e o *Deutsch Zeitung*.

Ao Club dos Fenianos muito agradecemos o seu gracio mimo; aos mesmos, aos Tenentes do Diabo e ao Congresso Gymnastico Portuguez os seus convites para os animados bailes nos seus salões.

## A CRISE

As instituições constitucionaes que felizmente regem, ha meio seculo, o Imperio acabam de ser enriquecidas com um novo elemento de progresso; elemento de grande força politica, elemento de elevada prosperidade publica, elemento de alto prestigio autoritario, elemento que na linguagem commum dos que não são iniciados nos profundos e mysteriosos segredos dos gabinetes e das ante-cameras ministeriaes, se chama simplesmente — o Carnaval.

O Carnaval, sim, foi elle que no grande dia do seu imperio resolveu o problema em cuja difficil solução andavam, ha dous mezes, empenhados os mais conspicios chefes do partido conservador; foi elle que decifrou o enigma ministerial, foi elle que matou a charada posta a premio desde o dia em que não haviam sido ainda apagadas as fogueiras do S. João: foi elle o patuseco, o trocista, o ebrio, o histrião, que qual outro Alexandre de um só golpe certo dessa espada de dous gumes que se chama—o ridiculo, a gargalhada—cortou o nó gordio, com que se prendia e agarrava á jangada ministerial, em perigo de afundal-a, o vulto tetrico e sinistro de José Bento.

Estamos pois em perfeito reinado de Arlequim. E' elle que faz e desfaz ministerios; é elle que impõe a sua vontade soberana; é elle que reina, elle quem governa, elle quem administra, na phrase de Martinho, de Campos, esta Turquia d'America.

Eis o grande progresso desta terra, que em materia politica, já pôde dar lições ao mundo.

„ Cesse tudo quanto a antiga musa canta,

„ Que outro *poder* mais alto se levanta. ”

Nem já nos pôde levar a palma a Inglaterra, que ha mais deseculo não introduz melhoramento algum no seu viver constitucional. Que valem de hoje em diante os manes de lord Palmerston, ou de lord Russoll, ao lado do Sr. Barão de Cote-gipe? E Thiers, o reorganizador da França, com todo o seu republicanismo pôde acaso buscar paralelo com o iniciador da nova politica constitucional brasileira?

Decididamente o Sr. Barão de Cote-gipe creou a immortalidade no Carnaval de 77. Elle vio que o systema constitucional neste paz ia no plano inclinado, que conduz aos abyssos politicos, e procurou travar a roda do carro ministerial a que anda atrellada a constituição do Imperio, a ver se podia sustel-a no despenhadeiro.

Para tão patriotico fim, elle, o grande Barão, combinou e excentou um engenhoso plano. Tendo encerrado por dias o parlamento, resolveu co sultar no intervallo a respeitavel assembléa das ruas, e no momento solemne em que ella se ostenta com toda a sua soberania.

Elle o Barão immortal raciocinou assim: Se por dever sou obrigado a escutar quanto me queiram dizer as opposições na camara dos deputados e na dos senadores, porque não hei de por vontade ouvir tambem o parlamento das praças, que a final falla a linguagem da verdade, e demais quando em apoio ao governo alli está a *flor da minha gente*?

Ouvida a rua, a *crise* não podia deixar de irromper grave e tremenda. Era uma consequencia necessaria e logica.

Com effeito o Carnaval, terrível e implacavel, ousou completar o pensamento de Hudson, o philosopho, quando no theatro de S. Pedro por entre estridulos applausos exclamava com o enthusiasmo das grandes convicções: — *José Bento, larga a pasta.*

Foram portanto os histrícos carnavalescos que disseram a ultima palavra na magna questão politica. E os ministros da corôa, respeitadores da opinião publica, tão eloquentemente manifestada *nos carros da Idéa*, encarando seriamente a gravidade da situação, não hesitaram mais, e em voz unisona repetiram aquella sentença fatal e tremenda de Hudson, o terrível — *José Bento, larga a pasta.*

Elles, os nobres e honrados collegas da victima que devia ser immolada no sacrificio de Momo, na profunda convicção de salvar a patria, apenas sahiram do baile de mascaras, ainda cansados da valsa delirante e do vertiginoso cancan, correram a lavar o implacavel decreto que sem elevar ao Capitolio o barrete plurgico, na espirituosa allusão da rua dos Ourives, lançava da rocha Tarpeia o desditoso ministro, talvez no unico momento em que elle procurava salvar os cofres publicos das garras de famintos abutres.

O feio caso esclareceu-se na sessão de 17, não obstante o obstinado silencio do governo. Como se tratava ainda do Carnaval, a opposição desfevellou parte da mascara, e o filho do Sr. José Bento arrancou-a de todo, deixando a escorrer sangue os Lazaros ministerias.

A cousa reduz-se a pouco. O ex-ministro do imperio foi expulso do poder por não ter podido prorogar o contracto do mercado da côrte em que um deputado da maioria, segundo os boatos da rua e do parlamento, tinha promettidas umas luvras já encomendadas á fabrica nacional por 50 contos.

Já vê a flor da nossa gente que a questão foi de mercado. Tivemos o mercado na politica, e portanto continuamos a ter a politica em mercado.

## O ACTOR

(D'APRÉS NATURE)

O actor tem os seus pontos de contacto com o resto dos outros homens.

E isto ainda mesmo quando o actor faz de mulher.

Entretanto o actor não é bem um homem.

E' antes uma figura.

Mas uma figura que facilmente se desfigura; que se ageita a todos os papeis: que representa todos os personagens.

Quem vê um actor...

(Em scena e fóra da scena)

... pensa que o está vendo através da lente de uma dessas machinas que, postas em movimento, dão variadas fórmãs ao retrato que se pospõe ao vidro.

O actor não tem physionomia propria, não tem uma individualidade sua.

O seu *eu* é tomado por emprestimo.

Procure-se em qualquer actor o individuo, e por força se ha de encontrar uma das personagens que elle representou.

Isto quando o actor é bom actor.

Pois, se o actor é máo, dá-se o contrario: em toda a personagem o que se encontra é o actor.

Elle continúa cá fóra, no seculo, o papel que desempenhou lá dentro, no palco.

O unico trabalho que tem é o de adequar-o á situação.

Se o actor é galã, faz sempre de André Roswein junto da dama dramatica.

Ao pé da ingenua é sempre Othelo.

Quando se aproxima da dama central, é o *moço pobre* de Octavio Feuillet.

Conversando com as mãis das actrizes, representa sempre um Desgenais.

E, se é com actriz casada que está fallando, faz de Paulo de Santa Rosa, para tranquillidade do marido.

(Neste caso o marido é que é a *estatueta de carne* em carne e osso.)

O actor que é centro faz de pai junto de todas as actrizes.

Dahi vem que algumas vezes as filhas delle sejam suas netas...

Ou filhas de si mesmas.

O actor comico... esse não tem figura.

E' apenas uma risada que as actrizes conservam em reserva para atirarem-na á face dos amantes que as enfastiam. Só ha uma vez em que o actor apparece sem disfarce: E' quando passa beneficio.



# O CARNAVALE DE 1877

DOMINGO



Attendo, etc. Hemos por bem decorar: Que ao *Zé Pereira* carnavalesco se chamará d'ora avante *Zé Bento* carnavalesco, por ser sobre sua pelle e pasta que se zolymbos todo o entrulho.

E ainda assim... é conforme a pessoa a quem elle impinge o bilhete.

Fôra dahi, elle está sempre fôra de si.

Ou, se está dentro de alguma cousa, é do personagem que pretende representar.

Succede ás vezes que não cabe todo dentro d'elle; e então fica de fôra uma pontinha do rabo.

Em alguns não é a pontinha do rabo que fica de fôra; é a ponta das orelhas.

Ha-os até que o que deixam de fôra é o pé.

E o pé do actor sabe-se o que é.

No mais, o actor tem todos os vicios e todas as virtudes. Sómente faz uso delles segundo a exigencia do papel.

No entanto ha uma occasião em que o actor é uma verdade:

E' quando dorme.

Ahi o actor é quasi um homem.

SPHYNX.

## SALPICOS

O Carnaval de 1877 acha-se tão intimamente ligado com a queda do Sr. José Bento, que por mais desabusado que seja um chronista, não sabe de qual dos dous assumptos ha de tratar primeiro. Se um delles fosse serio, teria esse a preferencia; mas se o Carnaval não é positivamente o prototypo da seriedade, com certeza tambem ninguem dirá que o fosse o Sr. José, ministro.

O certo é que o Sr. José Bento, que parecia grudado á sua pasta com a famosa coagulina, *demittio-se* (hum!... hum!...) do cargo e voltou a ser o que precedentemente era — um simples João Fernandes.

Mas, na verdade, escapar do dia de finados e do Natal para *demittir-se* (hum!... hum!...) na quarta-feira de cinza...

Por pouco mais, valia a pena esperar para depois de Sexta feira santa.

O que eu quero ver é atraz de quem vai agora o Hudson gritar:

— Seu Fulano, largue a pasta!

Gritará atraz do Sr. Costa Pinto, que é representante por S. Paulo!

Quem sabe lá!

Pena é que não haja outro Carnaval daqui a tres mezes — não contando, já se vê, o carnaval da sociedade de S. Jorge — para vermos como se manifesta a opinião publica relativamente aos novos, ou antes aos ministros novos. Porque nós já chegámos a esta afinação: a opinião publica só se manifesta livremente — no Carnaval.

E isso mesmo devilo ao Sr. Pin, porque o formoso Sr. Diego Velho não queria allusões, sem se lembrar de que ha dous annos, precisamente por serem prohibidas as allusões, fundou-se uma associação — A Rapazia de casaca —, que passeiou por onde quiz um polichinello armado de enormes collarinhos... sem allusão.

Ora, senhores, que esses chamados homens serios não de ter sempre a mania de querer tapar o sol com uma peneira!

De facto, o Carnaval não passou de uma troça a questão religiosa e á romaria ao Vaticano. A pesca de commendas nas enxurradas das inundações levou a sua beliscadella; a rapida viagem do Sr. Conde de Bragança teve a sua allusão; as gritarias do Hudson já descripto tambem não ficaram no tinteiro; mas os heroes da festa foram o *Apostolo* e o ministro que lhe servio de acolyto. Esses appareceram em carros, em coretos, em bandeiras, a pé, a cavallo, de todas as maneiras.

E o povinho, que tem um grosso bom senso que o leva sempre para o direito, ria a bom rir.

São muito populares os taes dous!

A' vista do que se vio, e não podendo o *Apostolo* esperar que fossemos todos levar-lhe a maculada fronte para lhe por a cinza sacramental, quizeram todos esses venerandos fabricantes de milagres deitar-nos cinza nos olhos, passando uma formidavel descalçadeira em nós todos impios e « estrangeiros. »

O grande caso é que a tal descomponenda produziu uma grande revolução nas almas que andavam arreadas da sã e

santa litteratura: fez que todos comprassem o *Apostolo*, só para apreciarem aquella amostra de Praia do Peixe.

Já o *Apostolo* sabe; quando quizer esgotar a edição, não se incommode.

\* \*

Ao *Diario do Rio* já a recitta não deu o mesmo resultado. E' verdade que o *Apostolo* teve graça. e o *Diario* nem isso. Alli por força andou dedo do Sr. Ferreira Vianna.

A graça é que o fim do seu sermão é accusar de todas as "desenfreadas allusões" os "estrangeiros" — justamente como disse o *Apostolo*, e como diz sempre a Policia quando quer applicar-nos uma rolha qualquer.

Dar-se-ha caso que os dous artigos fossem feitos na mesma secretaria?

BOB.

Acabou-se o carnaval.

Foi-se o Sr. Mathias de Carvalho.

Cabio o Sr. José Bento.

Eis os tres factos mais importantes da semana, e que fazem lembrar o velho axioma:

"Duas cousas iguaes a uma terceira são iguaes entre si."

\* \*

Nós que assistimos ás sensaborias do primeiro, aos janfars offerecidos ao segundo (\*), e que nos divertimos com as constantes *topadas* do terceiro, desejamos:

Que o carnaval de 78, se o houver, venha menos sensaborão e *maldado*, e muito mais *alegre*.

Que o Sr. Mathias de Carvalho se não esqueça das encomendas, e mande para cá quanto antes o cofre das graças muito cheio, não se esquecendo de J. Bonhomme.

Que o Sr. José Bento se lembre das scenas da rua dos Ourives, e que cabio na occasião em que se ergueu o bacalhão como para dizer aos amigos: "Eu comi-lhe a carne, voçês agora contentem-se com as espiuhas!"

\* \*

Vou agora á philosophia do carnaval do corrente anno da graça, e da agua de Lourdes.

(\*) Assistimos em espirito.

O carnaval ainda é uma necessidade; é o respiradouro da opinião publica; existirá atrevido, insolente, sem espirito, mas severo e mordaz enquanto a liberdade de pensamento for uma mentira, enquanto na imprensa se não encararem as questões de frente, e sem rodeios.

\* \*

Veio o milagre de Lourdes, foi prégado pelo *Apostolo*, estabeleceu-se o commercio da bemaventurada agua, foi preciso esperar pelo carnaval para que os *Tenentes*, *Fenianos*, *Democraticos* e outros ensinassem ao publico qual a importancia dos milagres.

Foi preciso um carnaval para que se dissesse publicamente que se pôde rir dos milagres de La Sallette sem que uma pessoa fique *tinada* como um carvão, em que peze ao *Apostolo*!

\* \*

Este servo *servorum Dei* zangou-se com as exhibições das cousas a que elle chama *Scantas*... não admira, necessariamente as açoes Lourdes & La Sallette deviam ter tido baixa no mercado.

\* \*

Tanta como os bailes de mascarar, onde apenas apparecia um ou outro *princez* desgarrado!

\* \*

Os theatros devem estar consolados, porque os bailes não foram mais felizes do que elles tem sido.

\* \*

Esperamos que com a entrada da *Quaresma* venha nova aurora de felicidade para os theatros; e elles merecem-o porque os respectivos emprezarios trabalham de vez em quando em preparar petiscos de gosto.

TIC.

**Amanhã será distribuido aos nossos assignantes um supplemento, com o resto dos acontecimentos do Carnaval e a Crise.**



# CARNAVAL TEMPER FEIRA



Foram as suas proprias idéas, não as nossas, que cahindo-lhes em cima, os esmagaram.

R. M. L. P.